ISSN: 2358-8829

MULHERES QUE TECEM MEMÓRIAS: NARRATIVAS FEMININAS AFRO, NO QUILOMBO DE CALADOS EM BAIÃO/PARÁ

Deise da Silva Medeiros [1]

Ildenê Freitas da Silva Mota [2]

Viviane Almeida dos Santos [3]

INTRODUÇÃO

A memória de uma comunidade não permanece apenas nos documentos que a registram. Ela também se inscreve nos modos de falar, nas formas de cuidar, nas lembranças partilhadas e nos conhecimentos que atravessam gerações. No Quilombo de Calados, localizado no município de Baião, no Pará, reconhecer essa dimensão da vida coletiva significa considerar as mulheres não como personagens secundárias da história local, mas como participantes de sua elaboração cotidiana. Suas narrativas oferecem caminhos para compreender como identidade, educação e território se constituem mutuamente.

O projeto "Mulheres que Tecem Memórias: Narrativas Femininas Afro, no Quilombo de Calados em Baião/Pará" foi concebido para valorizar experiências femininas negras e criar oportunidades de escuta, reconhecimento e circulação de saberes. Os registros escritos produzidos em uma de suas atividades permitem examinar como diferentes mulheres rememoram o lugar, atribuem sentidos à escolarização e relacionam suas trajetórias à vida comunitária.

A relevância educacional desse processo emerge em um cenário no qual histórias negras, sobretudo as produzidas por mulheres de comunidades tradicionais, frequentemente ocupam lugares periféricos nas narrativas escolares e institucionais. Quando uma mulher conta o que aprendeu com sua família, o que enfrentou em sua trajetória e o que deseja transmitir às gerações seguintes, não apenas recorda acontecimentos: participa de uma prática de formação, interpretação do mundo e afirmação coletiva. A oralidade, nesse contexto, não representa ausência de conhecimento sistemático, mas outra forma de organizar e compartilhar experiências.

[1] Mestra em Educação e Cultura da Universidade Federal do Pará - PA, deise.medeiros@cameta.ufpa.br
[2] Mestra em Currículo e Gestão da Escola Básica da Universidade Federal do Pará - PA, ildenemota@ufpa.br
[3] Doutora em Ciência da Computação da Universidade de São Paulo - USP, vsantos@ufpa.br

Este trabalho tem como objetivo analisar como três mulheres quilombolas produzem sentidos sobre memória, território, infância e educação em textos elaborados no contexto do projeto “Mulheres que Tecem Memórias”. Articula-se a reflexão bibliográfica à Análise do Discurso dos registros escritos, de modo a compreender tanto os vínculos afetivos e ancestrais quanto as desigualdades que atravessam o pertencimento territorial.

Não se pretende mensurar impactos nem tomar três narrativas como representação homogênea da comunidade. O interesse recai sobre a pluralidade de sentidos que emerge dos registros e sobre suas implicações para práticas educativas comprometidas com a escuta e a valorização das histórias quilombolas.

METODOLOGIA

O estudo adota abordagem qualitativa, de caráter bibliográfico, reflexivo e documental, articulada à Análise do Discurso, especialmente às contribuições de Orlandi (2015). Seu objeto consiste na experiência educativa do projeto “Mulheres que Tecem Memórias”, desenvolvido no Quilombo de Calados, em Baião, Pará. A análise focaliza os modos pelos quais três mulheres vinculadas ao território narram experiências de infância, escolarização, natureza, relações familiares e pertencimento.

O *corpus* empírico constituí três registros escritos produzidos no contexto da atividade 2 do projeto, disponibilizados à pesquisa. Trata-se de respostas a propostas de escrita sobre o lugar de origem, a infância e o território habitado, e não de entrevistas gravadas ou de transcrições de falas orais. Vale ressaltar que as autoras dos registros são designadas Mulher A, Mulher B e Mulher C, para reduzir sua identificação. Os excertos foram mantidos em sua formulação original, com recortes indicados por reticências quando necessário.

A interpretação não se limita ao conteúdo informativo das respostas. Considera escolhas lexicais, marcas de avaliação, contrastes, temporalidades, posições de sujeito e relações entre o dito e suas condições sociais e históricas de produção. A leitura foi conduzida em movimentos articulados: aproximação integral dos três textos; seleção de sequências discursivas relativas a trabalho, escola, afetos, natureza e ancestralidade; interpretação das regularidades e diferenças; e diálogo com a literatura sobre território, memória e educação quilombola.

ISSN: 2358-8829

REFERENCIAL TEÓRICO

Pensar a memória de mulheres quilombolas requer reconhecer que a história social brasileira foi marcada por disputas sobre quem pode falar, quais experiências são consideradas conhecimento e que sujeitos alcançam reconhecimento público. Gonzalez (1988) contribui para esse debate ao evidenciar a centralidade das experiências negras na formação cultural e política latino-americana, questionando interpretações que subordinam ou apagam a presença africana. Essa perspectiva permite deslocar o olhar: as mulheres de Calados não são apenas destinatárias de ações educativas, mas produtoras de leituras próprias sobre o mundo que habitam.

Carneiro (2003) problematiza as desigualdades que atravessam a condição das mulheres negras e demonstra porque uma abordagem universalizante da experiência feminina pode reproduzir silenciamentos. No contexto quilombola, gênero e raça não podem ser dissociados das condições concretas de vida, das relações de trabalho, da organização comunitária e dos vínculos territoriais. Reconhecer tais articulações não significa reduzir cada mulher a categorias sociais; significa compreender os processos históricos que tornam algumas vozes menos audíveis do que outras.

A obra de Gomes (2017) aproxima educação e movimento negro, mostrando que a produção de saberes emancipatórios não se restringe às instituições escolares. Aprendizagens construídas em coletivos, associações, experiências de luta e práticas culturais também interrogam o currículo e ampliam o que se entende por formação. Em Calados, a valorização das narrativas femininas permite refletir sobre uma pedagogia que nasce da experiência social, sem separar o ato de aprender da história da comunidade.

No livro “Ensinando a transgredir”, hooks (2013) defende uma educação comprometida com a liberdade, com a participação e com a presença integral das pessoas no processo de aprendizagem. Sua contribuição ajuda a interpretar o significado de espaços nos quais mulheres podem se expressar sem que seus conhecimentos sejam previamente desqualificados. O reconhecimento da própria capacidade, mencionado em relatos sobre o projeto, pode ser visto não como simples elevação individual da autoestima, mas como abertura de condições para falar, escutar e participar.

A literatura de Evaristo (2016), especialmente os contos de Olhos d’água, oferece uma referência estética e ética para refletir sobre experiências negras narradas desde perspectivas próprias. Embora a escrita literária não possa ser confundida com depoimentos de participantes, sua atenção à vida cotidiana, às relações familiares e às marcas da desigualdade contribui para compreender a densidade de histórias muitas vezes tratadas como menores. A ideia de autoria,

nesse diálogo, diz respeito à possibilidade de narrar a vida sem entregar a outros o monopólio de seu significado.

A Análise do Discurso, conforme Orlandi (2015), permite compreender que a linguagem não é um instrumento neutro de descrição: os sentidos se constituem historicamente nas relações entre sujeitos, memória e condições de produção. Por isso, os textos das participantes são lidos não apenas pelo que informam sobre o lugar, mas também pelas formas como organizam lembranças, afetos, conflitos e pertencimentos.

Hall (2003) permite compreender identidades culturais como construções históricas, produzidas nas relações e nas representações, e não como essências fixas. Essa leitura é importante quando se afirma que algumas mulheres "se descobriram" quilombolas. Essa expressão não deve sugerir que antes lhes faltava uma identidade legítima, nesse sentido, pode indicar, antes, um momento de elaboração consciente, de reconhecimento público ou de atribuição de novos sentidos a pertencimentos já vividos. O processo identitário é, assim, contínuo, situado e atravessado por relações de poder.

O pensamento de Santos (2015) acrescenta uma reflexão fundamental sobre os saberes de comunidades tradicionais e suas formas de resistência à colonização. Sua crítica às hierarquias que inferiorizam conhecimentos comunitários ajuda a considerar a ancestralidade como prática presente, vinculada ao território, à convivência e às maneiras de produzir a vida. Na educação quilombola, essa perspectiva impede que a tradição seja apresentada como peça de museu: os saberes são transmitidos porque continuam a responder a necessidades, relações e projetos coletivos.

As Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Escolar Quilombola na Educação Básica (Brasil, 2012) reconhecem a memória coletiva, os saberes ancestrais e as territorialidades como dimensões constitutivas dos processos educativos. Embora o projeto "Mulheres que Tecem Memórias" se desenvolva fora do currículo escolar, seus registros escritos oferecem oportunidade para discutir como a experiência vivida pode dialogar com práticas de educação comprometidas com o território e a autoria das mulheres, sem pressupor que todas as trajetórias sejam semelhantes.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Esta seção apresenta e discute as narrativas de três mulheres quilombolas da comunidade de Calados, localizada no município de Baião, no Pará, tomando suas experiências como ponto de partida para compreender os sentidos atribuídos ao território, à memória e à educação. As produções escritas revelam diferentes formas de vivenciar e significar o lugar,

ISSN: 2358-8829

evidenciando que as relações de pertencimento são constituídas por experiências individuais e coletivas, atravessadas por condições históricas, sociais e culturais. Nesse contexto, as lembranças da infância, os vínculos familiares, os percursos escolares, as relações com a natureza e as referências à ancestralidade emergem como elementos que permitem compreender a complexidade das experiências quilombolas, sem reduzir suas trajetórias a uma representação única ou homogênea.

Para a discussão dos resultados, são apresentadas integralmente as produções das participantes, identificadas como Mulher A, Mulher B e Mulher C, preservando suas formas de expressão e a singularidade de suas narrativas. Após cada relato, desenvolve-se uma análise interpretativa dos sentidos produzidos, considerando as relações entre linguagem, memória, território e pertencimento. Essa organização busca assegurar a centralidade das vozes femininas quilombolas na construção do conhecimento, reconhecendo suas experiências como fontes de reflexão sobre os modos de viver, aprender e produzir saberes no território. Ao final, as narrativas são analisadas comparativamente, de modo a evidenciar aproximações, diferenças e tensões que atravessam as experiências dessas mulheres e suas relações com a comunidade.

As três produções escritas evidenciam que o quilombo é construído discursivamente como lugar vivido, e não apenas como recorte geográfico. Entretanto, esse lugar não aparece de forma uniforme: os textos articulam lembranças dolorosas, vínculos afetivos, deslocamentos escolares, paisagens e ancestralidade. À luz de Orlandi (2015), importa observar como os sentidos se constituem em relação às condições de produção e à memória discursiva, sem tratar as palavras como reflexos transparentes de uma realidade única.

Na narrativa da Mulher A, a referência inicial ao nascimento em Calados é imediatamente tensionada pela infância vivida em Caranãzal. A descrição da casa “cercada de casca de pau e meriti” e da família numerosa localiza materialmente a precariedade. A sequência “Passamos fome, sofremos vários tipos de violência, vimos nossa mãe sofrer muito” desloca a leitura de uma memória comunitária idealizada para uma experiência atravessada por privação e sofrimento. O uso reiterado da primeira pessoa do plural “passamos”, “sofremos”, “vimos” inscreve a lembrança em uma trajetória familiar compartilhada, embora a intensidade das marcas emocionais seja enunciada em primeira pessoa.

Ainda no relato da Mulher A, estudar aparece associado a deslocamentos e constrangimentos: “fui morar na casa da minha vó materna em baião para estudar”. A menção à saída às cinco horas da manhã, ao trabalho e à continuidade dos estudos explicita o entrelaçamento entre infância, atividade produtiva e acesso à educação. Ao declarar que “os mais doloridos se sobressaem e marcam memória da infância”, a narradora estabelece uma

ISSN: 2358-8829

hierarquia afetiva entre recordações. A análise não deve transformar esse testemunho em narrativa de superação: a permanência dos traumas, explicitamente afirmada, exige reconhecer as violências sem reduzi-las a etapa necessária de aprendizagem.

A Mulher B, por sua vez, apresenta outra posição diante da memória: “Minha infância foi muito aconchegante e feliz, apesar das dificuldades”. O conector “apesar” preserva a existência de adversidades, mas organiza a lembrança em torno de afetos, brincadeiras e união familiar. As imagens de “brincar na chuva e tomar banho no igarapé” atribuem à paisagem uma dimensão sensorial e relacional. O território não é descrito apenas por suas características naturais: torna-se suporte de experiências compartilhadas e de elaboração afetiva do passado.

No mesmo texto, o percurso escolar ganha significado singular: “Era um caminho longo, mas cheio de sonhos”. O contraste entre a extensão do trajeto e a expressão “cheio de sonhos” mostra que a distância não é apagada, mas ressignificada como parte de um horizonte de possibilidades. A bicicleta e o caminho até Calados permitem pensar a escolarização a partir da materialidade dos deslocamentos cotidianos. Em diálogo com Gomes (2017), essa passagem sugere que o processo educativo também se constrói nas experiências sociais que envolvem a escola, sem confundir o deslocamento difícil com uma condição desejável.

Na escrita da Mulher C, predomina a apresentação afirmativa do lugar habitado: “Eu moro no Quilombo de Calados, um lugar cercado de natureza bonita e abundante”. Igarapés, rio, campos e caminhos compõem uma paisagem que é simultaneamente ecológica e social. Ao afirmar que “as ruas são caminhos que ligam as famílias e as histórias de todos nós”, a autora transforma a descrição espacial em enunciado de pertencimento coletivo. A passagem do “eu” para “todos nós” produz uma identificação entre experiência pessoal e continuidade comunitária.

A dimensão ancestral aparece explicitamente quando a Mulher C valoriza “o lugar onde cresceram meus antepassados e onde a nossa história continua viva”. O emprego do presente “continua viva” afasta a ancestralidade de uma concepção de passado encerrado. Ao mencionar tradições transmitidas “de geração em geração”, o texto associa território, práticas culturais e responsabilidade de continuidade. Essa leitura dialoga com Santos (2015), para quem saberes de povos tradicionais não podem ser apartados de seus modos de vida e de suas relações territoriais.

Uma leitura comparativa revela tensões relevantes. Na Mulher A, os caminhos remetem a trabalho, privação e acesso difícil à escola; na Mulher B, o deslocamento se associa a esforço e expectativa; na Mulher C, os caminhos conectam famílias e histórias. Não se trata de determinar qual representação é mais verdadeira, mas de reconhecer que as condições de

existência e as posições enunciativas produzem sentidos distintos para um mesmo universo territorial. A perspectiva de Hall (2003) auxilia a compreender esse pertencimento como construção histórica e relacional, e não como identidade homogênea.

As três narrativas, portanto, sustentam uma concepção de território como espaço de memória, contradição e produção de conhecimentos. O reconhecimento de práticas culturais e vínculos com a natureza não pode ocultar desigualdades, assim como a denúncia do sofrimento não esgota os sentidos de alegria, afeto e continuidade ancestral. Para a educação quilombola, o resultado sugere a importância de práticas de escuta que acolham histórias diferentes e permitam que as próprias mulheres participem da definição do que merece ser preservado, debatido e transmitido. Essas interpretações se restringem aos três textos analisados; não permitem medir impactos do projeto ou generalizar resultados para a comunidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise dos três registros escritos mostra que as narrativas femininas de Calados produzem sentidos plurais sobre o território. A Mulher A evidencia a memória de desigualdades, violências e dificuldades de escolarização; a Mulher B articula afetos, natureza e expectativas educacionais; a Mulher C enfatiza vínculos comunitários, paisagem e continuidade ancestral. A coexistência dessas perspectivas impede a redução do quilombo a um cenário exclusivamente harmonioso ou exclusivamente marcado pela privação.

A articulação entre a Análise do Discurso e o referencial sobre educação e pensamento negro permite compreender a palavra das participantes como produção situada de conhecimento. O potencial formativo do projeto “Mulheres que Tecem Memórias” reside em abrir espaço para que essas diferenças sejam escutadas e debatidas, sem substituir as interpretações das mulheres por uma narrativa única elaborada externamente. Como desdobramento, recomendam-se devolutivas coletivas, pactuação sobre divulgação dos relatos e construção participativa de materiais educativos. Os resultados aqui apresentados dizem respeito ao *corpus* de três textos e não demonstram, por si, mudanças duradouras decorrentes do projeto.

A análise das narrativas das três mulheres quilombolas permite compreender que o território de Calados ultrapassa sua dimensão geográfica, constituindo-se como espaço de produção de sentidos, construção de identidades e transmissão de saberes. Entre lembranças atravessadas por dificuldades, experiências de afeto e manifestações de pertencimento, emergem diferentes maneiras de viver e significar o lugar. As vozes femininas revelam que a memória quilombola não se constrói apenas a partir das experiências de resistência, mas

também dos vínculos familiares, das relações com a natureza, dos caminhos percorridos em busca da educação e dos conhecimentos compartilhados entre gerações.

Nesse sentido, a experiência "Mulheres que Tecem Memórias: Narrativas Femininas Afro, no Quilombo de Calados em Baião/Pará" reafirma a importância de reconhecer as mulheres quilombolas como sujeitos históricos, produtoras de conhecimentos e protagonistas de suas próprias narrativas. Valorizar essas vozes significa, sobretudo, reconhecer que o território também educa, que a memória constitui uma forma legítima de conhecimento e que as histórias dessas mulheres não apenas preservam o passado, mas participam da construção do presente e da afirmação de futuros possíveis para a comunidade.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Conselho Nacional de Educação. **Resolução CNE/CEB nº 8, de 20 de novembro de 2012.** Define Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Escolar Quilombola na Educação Básica. Brasília, DF: CNE, 2012.

CARNEIRO, Sueli. **Mulheres em movimento**. Estudos Avançados, São Paulo, v. 17, n. 49, p. 117-133, 2003.

EVARISTO, Conceição. **Olhos d'água**. Rio de Janeiro: Pallas, 2016.

GOMES, Nilma Lino. **O movimento negro educador:** saberes construídos nas lutas por emancipação. Petrópolis: Vozes, 2017.

GONZALEZ, Lélia. A categoria político-cultural de amefricanidade. Tempo Brasileiro, Rio de Janeiro, n. 92/93, p. 69-82, 1988.

HALL, Stuart. **Da diáspora:** identidades e mediações culturais. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.

hooks, bell. **Ensinando a transgredir:** a educação como prática da liberdade. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2013.

ORLANDI, Eni P. **Análise de discurso:** princípios e procedimentos. Campinas: Pontes Editores, 2015.

SANTOS, Antônio Bispo dos. **Colonização, quilombos:** modos e significações. Brasília: INCTI/UnB, 2015.